

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JULHO DE 1863

Nº 7

Dualidade do Homem Provada pelo Sonambulismo

Sem lembrar aqui os numerosos fenômenos que ressaltam do Espiritismo experimental, provando, à saciedade, a independência do Espírito e da matéria, chamaremos a atenção para um fato vulgar, do qual não se tem, ao que sabemos, tirado todas as conseqüências e que, no entanto, é susceptível de impressionar todo observador sério. Queremos falar do que se passa no sonambulismo natural ou artificial, nas estranhas faculdades que se desenvolvem nos catalépticos, no não menos estranho fenômeno da dupla vista, hoje perfeitamente comprovado, até pelos incrédulos, mas cuja causa não buscaram, embora valesse a pena. A seguinte carta, a nós dirigida por distinto médico do Tarn, prova por qual encadeamento de idéias um homem que reflete pode passar da incredulidade à crença, apenas com o auxílio do raciocínio e da observação feita com boa-fé.

“Senhor,

“Confundido na massa dos desconfiados e dos incrédulos, a leitura de *O Livro dos Espíritos* produziu em mim

vivíssima impressão. A doce satisfação que me ficou de sua leitura fez nascer o desejo muito natural de crer, sem qualquer restrição, em todos os ensinados pelos Espíritos nesse livro. A fim de alcançar tal objetivo desejava constatar por mim mesmo a realidade das comunicações, para o que envidei esforços por me tornar médium; como não o consegui, tive de parar as pesquisas. Cansado de viver na incerteza, resolvi reportar-me às observações alheias; mas, por natureza, como não me deixo facilmente convencer, sentia necessidade de conhecer, a fim de poder julgar de sua realidade. Depois de ter perlustrado os quatro primeiros anos da *Revista Espírita* e, principalmente, depois de haver notado com que precauções os numerosos fatos são ali relatados; depois de verificar que as manifestações dos Espíritos e suas comunicações são sempre constatadas por pessoas honradas, desinteressadas e dignas de fé, já não é possível conservar qualquer dúvida quanto à sua autenticidade.

“Todavia, uma vez admitidas as comunicações, cabia-me ainda fazer uma idéia do grau de confiança que se deveria conceder às revelações, sobretudo aquelas que constituem a base da filosofia espírita. Nessa apreciação, as chamas do inferno não me poderiam deter, a menos que negasse a bondade infinita de Deus. A diferença entre religiões também não criava obstáculos à minha lógica, considerando-se que, semeando o bem, o mais elementar bom-senso diz que não se pode colher o mal. Mas ainda me restava o ponto capital da reencarnação. Sobre isto o sonambulismo foi-me de grande valia e, se não resolve inteiramente a questão, em minha opinião a torna tão provável que seria preciso uma dose muito grande de má vontade para não a admitir. Antes de mais, se a existência da alma já não estivesse suficientemente demonstrada pelas manifestações e comunicações dos Espíritos, seria claramente provada pela visão a distância e através dos corpos opacos, que não se explica senão por este meio. Em seguida, e pondo de lado as faculdades da alma desprendida da matéria, tais como a visão a distância, a transmissão do pensamento, etc., o sonambulismo nos leva à descoberta no sensitivo de conhecimentos muito mais extensos que os que possui em vigília. Resulta deste fato que a alma

deve ser mais antiga que o corpo, porque, se criada ao mesmo tempo que este, não poderia ter conhecimentos diferentes dos adquiridos durante a existência do corpo.

“Mas, depois de ter constatado que a alma é mais antiga que o corpo, a gente não sente nenhuma repugnância em lhe conceder outras encarnações, porque se a existência atual não for o começo, nada prova que seja a última; ao contrário, tornam-se muito naturais e, mesmo, indispensáveis. Há mais: o sonâmbulo em estado de vigília geralmente não guarda nenhuma lembrança do que disse ou fez durante o sono; contudo, durante o sono reconhece sem dificuldade tudo quanto fez, não só durante os sonos precedentes, mas, também, em vigília. Não é o quadro exato da existência da alma em seus numerosos estados errantes e encarnados, com suas lembranças e esquecimentos?”

“Filho do povo, minha instrução, extremamente medíocre e adquirida por mim mesmo, remonta apenas a um terço de minha idade, que é de quarenta e dois anos. Assim, parece-me que uma pena, por menos experimentada que fosse, ressaltaria muito mais claramente, a esse propósito, as verdades que tentei descobrir. Entretanto, por mais imperfeitas que sejam estas comparações, bastaram para determinar minha convicção e eu me sentiria feliz se as julgásseis dignas de poder exercer a mesma influência sobre outros.

“Não obstante minha convicção seja de data muito recente, começou a produzir frutos e, independentemente das felizes modificações que já trouxe à minha maneira de ser, é para mim a fonte de mui suaves consolações. Essas mudanças felizes se devem unicamente ao conhecimento de vossas obras. Assim, senhor, eu rogo vos digneis aceitar o eterno reconhecimento daquele que, no futuro, deseja ser contado no número dos vossos mais fervorosos adeptos.”

A visão a distância, as impressões sentidas pelo sonâmbulo, conforme o meio que vai visitar, provam que uma parte de seu ser é transportada. Ora, desde que não é o seu corpo material, visível, que não mudou de lugar, só pode ser o corpo fluídico, invisível e sensível. Não é o fato mais patente da dupla existência corpórea e espiritual? Mas, sem falar desta singular faculdade, que não é geral, basta observar o que se passa nos mais vulgares sonâmbulos. A dualidade se manifesta de maneira não menos evidente, como observa o nosso correspondente, no fenômeno do esquecimento ao despertar. Não há ninguém que, tendo observado os efeitos magnéticos, não tenha constatado a instantaneidade de tal esquecimento. Um sonâmbulo fala, sua conversa é perfeitamente encadeada e racional; despertam-no de súbito, no meio de uma frase, até mesmo de uma palavra, que não chega a concluir; em seguida, se se lhe perguntar o que acaba de dizer, se se lhe lembrar a palavra começada, responderá que nada disse. Se o pensamento fosse produto da matéria cerebral, por que tal esquecimento, desde que a matéria está sempre lá e é sempre a mesma? Por que basta um instante para mudar o curso das idéias? Mas o que é ainda mais característico é a recordação perfeita, num novo sono, daquilo que foi dito e feito num sono precedente, às vezes com um ano de intervalo. Só este fato provaria que, ao lado da vida do corpo, há a vida da alma, e que a alma pode agir e pensar de maneira independente. Se pode manifestar tal independência durante a vida do corpo, do qual sofre mais ou menos os entraves, com mais forte razão o poderá, quando goza de sua inteira liberdade.

As conseqüências tiradas desses fenômenos por nosso correspondente para provar a anterioridade da alma e a pluralidade das existências são perfeitamente lógicas. Os fenômenos sonambúlicos, como tantos outros, parecem trazidos pela Providência para nos pôr na via do mistério do pensamento. No entanto, a Ciência não se digna levá-los em consideração; para os ver, não desviará os olhos de um pólipó, de um cogumelo ou de um

filete nervoso. É verdade que a alma não se mostra à ponta de um escalpelo, nem sob uma lupa; mas, como se julga a causa pelos efeitos, os efeitos da alma estão a todo instante sob os vossos olhos e não os olhais; caminharíeis cem léguas para observar um fenômeno astronômico sem utilidade prática, ao passo que só tendes sarcasmos e desdém quando se trata dos fenômenos da alma, que estão ao vosso alcance, e que interessam a toda a Humanidade, em seu presente e no seu futuro.

Se dificilmente a ciência oficial renuncia a seus preconceitos, seria injusto fazer cair a responsabilidade sobre todos os sábios. Entre eles manifesta-se um movimento de bom augúrio, em relação às idéias novas; as adesões individuais e tácitas são numerosas; mas, talvez, mais que outros, ainda temem pôr-se em evidência. Bastará que algumas sumidades ergam a bandeira para fazer calar os escrúpulos alheios, impor silêncio aos engraçadinhos e fazer refletirem os agressores interessados. É o que não tardaremos a ver.

Caráter Filosófico da Sociedade Espírita de Paris

Como resposta a certas calúnias que os adversários do Espiritismo se comprazem em despejar contra a Sociedade, julgamos por bem publicar os pedidos de admissão, formulados nas duas cartas seguintes, seguindo-as de algumas observações.

*Ao Senhor Presidente da
Sociedade de Estudos Espíritos de Paris*

“Senhor,

“Ser-me-ia permitido aspirar a ser admitido como membro da respeitável Sociedade que presidis?

“Também tive a felicidade de conhecer o Espiritismo e de experimentar, em toda a plenitude, a sua benéfica influência. Há muito tempo eu era vítima de sofrimentos físicos e, conseqüentemente, de sofrimento moral, que naturalmente se lhe segue, quando o pensamento não vê como compensação senão a dúvida e a incerteza. *O Livro dos Espíritos* entrou em minha casa como o salvador, cuja mão benfeitora nos tira do abismo, como o médico que cura instantaneamente.

“Li e compreendi; e logo o sofrimento moral deu lugar a uma imensa felicidade, ante a qual se extinguiu o sofrimento físico, porquanto, desde então, este não mais me apareceu senão como um efeito da vontade e da sabedoria divinas, que só nos envia males para nosso maior bem.

“Sob a influência desta crença benfazeja, meu estado físico já melhorou sensivelmente e espero que Deus complete sua obra, porque se hoje desejo o restabelecimento da saúde, não é mais, como outrora, para gozar a vida, mas para consagrá-la unicamente ao bem, isto é, empregá-la exclusivamente em marchar para o futuro, trabalhando com ardor e por todos os meios ao meu alcance para o bem de meus semelhantes e, particularmente, devotando-me à propagação da sublime doutrina que Deus, em sua infinita bondade, envia à pobre Humanidade para a regenerar.

“Glória seja, pois, rendida a Deus pela divina luz que, em sua misericórdia, ele se dignou enviar às suas cegas criaturas! E graças vos sejam dadas, senhor, a quem ele escolheu para lhes trazer o archote sagrado!”

“Senhor, se vos dignardes acolher o meu pedido, servos-ei profundamente reconhecido por sua transmissão aos vossos distintos colegas. Não tenho a honra de vos conhecer pessoalmente, pois o meu estado de saúde sempre me impediu de vos visitar; mas o Sr. Canu, meu amigo e vosso colega, responderá por mim.

“Recebei, senhor e caro mestre, a garantia de meus respeitosos sentimentos e de meu sincero devotamento.”

Hermann Hobach

“Senhor e venerado mestre,

“Confiante em vossa benevolência, venho dirigir-vos uma prece que, se acolhida favoravelmente, me cumulária de alegria. Já tive a honra de vos escrever, há algum tempo, com o duplo objetivo de vos exprimir os sentimentos, a bem dizer novos, que fez nascer em mim a leitura séria de *O Livro dos Espíritos*, e obedecer ao dever sagrado de agradecer ao homem venerado que estende a mão socorrista à coragem vacilante dos fracos deste mundo, em cujo número ainda me achava até bem pouco tempo, pela ignorância destes princípios sublimes que, enfim, designam ao homem uma tarefa a cumprir, de acordo com suas forças e faculdades.

“Destes a essa carta uma resposta cheia de amenidades, pela qual me convidáveis a vir, como ouvinte, assistir às sessões gerais da Sociedade. Essas sessões e a leitura de *O Livro dos Médiuns* só me deram mais força e coragem, inspirando-me o desejo de participar de uma sociedade fundada sobre os mesmos princípios que acabaram de afastar a perturbação, a falta de coordenação, o caos, que presidiam a todas as minhas ações. Eu chegara a supor que a chave do enigma da existência devia ser muito insignificante, pois meu espírito ainda não me havia feito compreender que, fora do mundo material que me cercava, havia um mundo espiritual, marchando concomitantemente como o nosso para o progresso.

“Assim, senhor, manifesto novamente a minha felicidade, se puder demonstrar perante o mundo inteiro dos incrédulos e dos cépticos, que a Doutrina Espírita operou em mim tão radical mudança na maneira de ser que, por certo, essa mudança poderia, sem qualquer exagero, ser qualificada de milagre, posto

que, abrindo-me os olhos para todo o bem que se pode fazer e não se faz, percebi, antes de tudo, um fim para a nossa vida atual e, depois, que sobrecarregado de faltas de toda espécie, vi, enfim, que a Providência não nos havia deixado faltar à tarefa, e que ao Espírito não bastava uma existência para se aperfeiçoar, trabalhando por dominar primeiro o corpo, para em seguida dominar-se a si próprio.

“Se julgardes conveniente receber-me, senhor, não obstante seja eu ainda muito jovem, como um dos membros da Sociedade Espírita, rogo-vos a bondade de apresentar meu pedido ao conselho e lhe afirmar a honra que me faria a Sociedade em me receber em seu seio; isto seria por mim apreciado com o sentimento do mais completo reconhecimento.

“Recebei, senhor, a certeza de minha profunda veneração.”

Paul Albert

Se tais cartas honram os seus autores, também honram a Sociedade à qual são dirigidas, e que vê com satisfação os que nela pedem para entrar, animados por tais sentimentos. São uma prova de que compreendem o objetivo exclusivamente moral a que a Sociedade se propõe, pois não são movidos por uma vã curiosidade que, aliás, não entraria em nossos propósitos satisfazer. A Sociedade só acolhe pessoas sérias, e cartas como estas, que acabam de ser relatadas, indicam o seu verdadeiro caráter. É de adeptos desta categoria que ela se sente feliz em recrutar e é a melhor resposta que pode dar aos detratores do Espiritismo, que se esforçam em apresentá-lo, bem como as suas congêneres dos Departamentos e do estrangeiro, que marcham sob a mesma bandeira, como focos perigosos para a razão e a ordem pública, ou como uma vasta especulação. Queira Deus que o mundo não tenha outras fontes de perturbação!

Como temos dito, o Espiritismo moderno terá a sua história, que será a das fases que terá percorrido, de suas lutas e de seus sucessos, de seus defensores, de seus mártires e de seus adversários, pois é preciso que a posteridade saiba de que armas se serviram para o atacar; é preciso, sobretudo, que ela conheça os homens de coração, que se devotaram à sua causa com inteira abnegação, completo desinteresse material e moral, a fim de que lhes possa pagar um justo tributo de reconhecimento. Para nós é uma grande alegria quando podemos inscrever um novo nome, glorioso por sua modéstia, coragem e virtudes, nestes anais onde se confundem o príncipe e o artesão, o rico e o pobre, homens de todos os países e de todas as religiões, porquanto não há para o bem senão uma casta, uma única seita, uma só nacionalidade e uma mesma bandeira: a da fraternidade universal.

A Sociedade Espírita de Paris, a primeira fundada e oficialmente reconhecida, aquela que, a bem dizer, deu o impulso, sob cuja égide se formaram tantos outros grupos e sociedades; que se tornou, pela força das coisas e por mais restrito que seja o número de seus membros, o centro do Movimento Espírita, desde que seus princípios são os da quase universalidade dos adeptos, esta Sociedade, dizíamos nós, também terá seus anais para a instrução daqueles aos quais preparamos o caminho, e para a confusão de seus caluniadores.

Não é somente ao longe que a calúnia lança o seu veneno, mas, até mesmo, às nossas portas. Ultimamente alguém nos disse que há muito tinha o maior desejo de assistir a algumas sessões da Sociedade, mas tinha sido impedido porque lhe haviam afirmado que devia pagar dez francos. Grande foi sua surpresa e, podemos dizer, também sua alegria, quando lhe dissemos que tal boato era fruto da malevolência; que desde que a Sociedade existe, jamais um ouvinte pagou um centavo; que não é imposta nenhuma obrigação pecuniária, sob qualquer forma e a qualquer título, nem como assinatura da *Revista Espírita*, nem como compra de livros;

que nenhum de nossos médiuns é retribuído e todos, sem exceção, dão seu concurso por puro devotamento à causa; que os membros titulares e associados são os únicos a participar nas despesas materiais; que os membros correspondentes e honorários não suportam nenhum encargo, limitando-se a Sociedade a prover as despesas correntes, tanto quanto possível restritas, e não acumulando dinheiro; que o Espiritismo é uma coisa inteiramente moral, que não pode, como todas as coisas santas, ser objeto de exploração, que sempre repudiamos verbalmente e por escrito; que, assim, só uma insigne malevolência é capaz de emprestar semelhantes idéias à Sociedade.

Acrescentaremos que o autor dessa informação officiosa disse haver pago os seus dez francos, o que prova que não era inocente ao eco de um falso boato. A Sociedade Espírita de Paris, por sua própria posição e pelo papel que desempenha, não deixará de ter mais tarde uma certa repercussão. É, pois, necessário aos nossos futuros irmãos que o seu objetivo e as suas tendências não sejam desnaturados pelas manobras da malevolência e, para isto, não bastam algumas refutações individuais, que só têm efeito no presente e se perdem na multidão. As retratações que se obtêm não passam de uma satisfação momentânea, cuja lembrança logo passará. É preciso um trabalho especial, autêntico e durável, e este trabalho se fará em tempo hábil. Enquanto isto, deixemos nossos adversários se desacreditarem por si mesmos e pela mentira: a posteridade os julgará.

Aparições Simuladas no Teatro

“Senhor,

“Os adversários do Espiritismo acabam de imaginar uma nova tática a fim de o combater. Consiste em fazer aparecer no palco espectros e fantasmas impalpáveis, os quais são apresentados como sendo os do Espiritismo. Tais aparições

ocorrem todas as noites na Sala Robin, no Boulevard du Temple. Ontem assisti à segunda representação, e não foi sem assombro que ouvi o Sr. Robin dizer aos seus espectadores que se propunha, com tais experiências, combater a estranha crença de certas pessoas, que imaginam que os Espíritos movimentam mãos e fazem as mesas girar.

“Por meu lado, senhor, jamais compreendi a analogia que possa existir entre essas imitações criadas pela física recreativa e as manifestações espíritas, que estão nas leis da Natureza. Assim, tais manobras pouco devem ser temidas pelos adeptos do Espiritismo. Entretanto, como não se deve deixar que a boa-fé do público seja surpreendida, julguei por bem comunicar tais fatos, a fim de que lhes consagreis um artigo especial na *Revista*, se achardes conveniente. E como tenho o hábito de agir às claras, e não na sombra, autorizo-vos a fazer desta carta o uso que vos aprouver.

“Recebei, etc.”

Simond

Estudante de Direito em Paris

Há algum tempo se fala de uma peça fantástica, montada no Teatro do Châtelet e onde, por um processo novo e secreto, fazem aparecer em cena sombras-fantasmas impalpáveis. Parece que o segredo foi descoberto, pois o Sr. Robin o explora neste momento. Como não o vimos, nada podemos dizer sobre o mérito da imitação; desejamos que seja menos grosseira que a imaginada pelo Sr. e pela Sra. Girroodd, americanos do Canadá (alguns traduzem: Girod de Saint-Flour), para simular a transmissão do pensamento através das paredes, e que deveria matar irremediavelmente os médiuns e os sonâmbulos. Desejamos, sobretudo, que sua invenção não lhe traga as mesmas conseqüências trazidas a estes últimos. Seja como for, o Sr. Simond tem toda razão de pensar que tais manobras não devem ser temidas

de modo algum, porquanto, pelo fato de se poder imitar uma coisa, não se segue que a coisa não exista; os falsos diamantes nada tiram do valor dos diamantes finos; as flores artificiais não impedem que haja flores naturais. Pretender provar que certos fenômenos não existem porque não podem ser imitados, seria exatamente como se aquele que fabrica champanhe com o pó de água de Seltz por isso pretendesse provar que o champanhe e a *preguiça*²⁷ só existem na imaginação. Jamais a imaginação foi mais engenhosa, mais hábil e mais espirituosa que a da dupla vista por Robert Houdin; e, contudo, isto de modo algum desacreditou o sonambulismo; ao contrário, porque, depois de terem visto a pintura, quiseram ver o original.

O casal Girroodd tinha a pretensão de matar os médiuns fazendo passar todos os fenômenos espíritas por escamoteações. Ora, como esses fenômenos são o pesadelo de certas pessoas, tinham colhido as adesões, *exibidas em seus prospectos*, de vários padres e bispos espiritóforos, satisfeitíssimos com a bordoadada dada no Espiritismo. Mas, em sua alegria, tais senhores não haviam refletido que os fenômenos espíritas vêm demonstrar a possibilidade dos fatos miraculosos; que se fosse possível provar que esses fenômenos não passam de golpes de esperteza, seria provar que o mesmo pode dar-se com os milagres; que, por conseguinte, desacreditar uns, seria desacreditar os outros. Jamais se pensa em tudo. Estando um pouco gastos os golpes do Sr. Girroodd, estes senhores farão agora causa comum com o Sr. Robin para as suas aparições?

O *Indépendance belge*, que não gosta do Espiritismo, não sabemos exatamente a razão, uma vez que este nunca lhe fez mal, falando desse novo truque cênico, em um número de junho, exclamava: “Eis naufragada a religião do Sr. Allan Kardec. Como o Espiritismo vai sair-se desta?” Notai que esta última pergunta tem

27 N. do T.: Grifo nosso. *Af* no original. Mamíferos assim designados pela notável lentidão de seus movimentos.

sido feita muitas vezes por todos quantos pretenderam dar-lhe uma bordoadá, sem excetuar o abade Marouzeau, e nem por isso o Espiritismo se deu mal. Diremos ao *Indépendance* que é dar prova de completa ignorância supor repouse o Espiritismo em aparições, e que suprimi-las é o mesmo que suprimir a alma. Se o fato das aparições fosse dado oficialmente como uma invenção falsa, a religião sofreria mais que o Espiritismo, considerando-se que as três quartas partes dos mais importantes milagres não têm outro fundamento. A arte cênica é a arte da imitação por excelência, desde o frango de papelão até às mais sublimes virtudes, o que não significa que não se deva crer nos frangos verdadeiros, nem nas virtudes. Esse novo gênero de espetáculo, por sua singularidade, vai aguçá a curiosidade pública e será repetido em todos os teatros, porque redundará em dinheiro; fará falar do Espiritismo talvez mais ainda que os sermões, precisamente por causa da analogia que os jornais se empenharão em estabelecer. É preciso que nos persuadamos de que tudo quanto tende a preocupar a opinião conduz forçosamente ao exame, ainda quando não fosse por curiosidade, e é de tal exame que saem os adeptos. Os sermões o apresentam sob um aspecto sério e terrível, como um monstro invadindo o mundo e ameaçando a Igreja em seus fundamentos. Os teatros vão dirigir-se à multidão dos curiosos, de sorte que os que não freqüentam os sermões dele ouvirão falar no teatro, e os que não freqüentam os teatros ouvirão falar do Espiritismo no sermão. Como se vê, há para toda gente. É realmente uma coisa admirável ver por que meios as forças ocultas que dirigem esse movimento chegam a fazê-lo penetrar em toda parte, servindo-se justamente daqueles que o querem derrubar. É bem certo que, sem os sermões de um lado, e as facécias dos jornais do outro, a população espírita seria hoje dez vezes menos numerosa do que é.

Assim, dizemos que essas imitações, mesmo supondo-as tão perfeitas quanto possível, não podem causar nenhum prejuízo; dizemos, até, que são úteis. Com efeito, eis o Sr. Robin que, por meio de um processo qualquer, produz coisas surpreendentes

perante os espectadores, que ele afirma serem as mesmas do Espiritismo, produzidas pelos médiuns. Ora, entre os assistentes, mais de um se perguntará: “Uma vez que com o Espiritismo podemos fazer a mesma coisa, estudemos o Espiritismo, aprendamos a ser médium e poderemos ver em casa tanto quanto quisermos e sem pagar, aquilo que se vê aqui.” Neste número muitos reconhecerão o lado sério da questão e é assim que, mesmo sem o querer, servem aos que querem prejudicar.

O que receiam as pessoas sérias é que esses malabarismos enganem certas pessoas quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo. Sem dúvida, aí está o lado mau; mas esse inconveniente não tem importância, porque o número dos que se deixam enganar é mínimo. Aqueles mesmos que disserem: “É apenas isto!”, mais cedo ou mais tarde terão oportunidade de reconhecer que é outra coisa. Enquanto isto a idéia se espalha, as pessoas se familiarizam com a palavra que, sob manto burlesco, penetra em toda parte; pronunciam-no sem reserva e quando a palavra está por toda parte, a coisa está bem perto de aí estar.

Quer seja isto uma manobra dos adversários do Espiritismo, ou simplesmente uma combinação pessoal para reforçar a receita, é preciso convir que lhe falta habilidade. Haveria mais esperteza da parte dos Srs. Robin e consortes em negar qualquer paridade com o Espiritismo ou o magnetismo, porquanto, proclamando tal paridade, é reconhecer uma concorrência – e falamos de seu ponto de vista comercial – é dar vontade de ver essa concorrência e confessar que se pode passar sem os dois.

Já que estamos no capítulo das imbecilidades, eis uma, como já houve tantas outras. Lamentamos apresentá-la ao lado da dos Srs. Robin e Girroodd, mas é a analogia do resultado que a isto nos força. Aliás, considerando-se que os dignitários da Igreja não se julgaram abaixo deles ao patrocinar um prestidigitador contra o Espiritismo, não poderão escandalizar-se encontrando um sermão neste capítulo.

Um de nossos correspondentes escreve-nos de Bordeaux:

“Caro mestre, acabo de receber uma carta de minha irmã, que reside na pequena cidade de B... Ela se desesperava por não encontrar ninguém com quem pudesse conversar sobre o Espiritismo, quando os adversários de nossa amada doutrina vieram tirá-la do embaraço. Algumas pessoas, tendo dela ouvido falar vagamente, resolveram dirigir-se aos carmelitas para saber o que era. Estes, não contentes de os desviar, pregaram quatro sermões sobre o assunto, cujas principais conclusões são as seguintes:

“Os médiuns são possessos do demônio; não agem senão visando o interesse e só se servem de seu poder para o encontro de tesouros ocultos ou de objetos preciosos que estão perdidos; mas, ao contato de uma santa relíquia, vê-los-eis enrijecer-se e contorcer-se em terríveis convulsões.

“Os tempos preditos pelos evangelhos são chegados. Os médiuns nada mais são que os falsos profetas anunciados pelo Cristo; em breve terão por chefe o Anticristo. Farão milagres e prodígios admiráveis; por tal meio ganharão para a sua causa três quartos da população do globo, o que será o sinal do fim dos tempos, quando Jesus descerá sobre uma nuvem celeste e, de um sopro, os precipitará nas chamas eternas.

“A consequência desse estado de coisas é que toda a cidade ficou tumultuada; por toda parte se fala do Espiritismo; não se contentam com a explicação do padre, querem saber mais e minha irmã, que não via ninguém, em certos dias recebe mais de trinta visitas; ela as envia sempre a *O Livro dos Espíritos*, que em breve estará em todas as mãos, e muitos dos que já o têm dizem que isto não se parece absolutamente com o quadro que dele fez o pregador, e que é exatamente tudo ao contrário. Assim, agora

contamos com vários adeptos sérios, graças a esses sermões, sem os quais o Espiritismo não teria penetrado há tanto tempo nestas regiões afastadas.”

Não tínhamos razão de dizer que é ainda uma falta de habilidade, e não teríamos razão de bem-querer a adversários que trabalham tão bem por nós? Mas esta não é a última; esperamos a maior de todas, que coroará a obra. Há um ano cometeram uma muito grave, que evitamos revelar, porque deve ir até o fim, mas cujas conseqüências veremos um dia. Há cerca de dois anos perguntávamos a um de nossos guias espirituais por que meio o Espiritismo poderia penetrar no campo. Foi-nos respondido: “Pelos vigários. – *P.* Voluntária ou involuntariamente da parte deles? *Resp.* – A princípio involuntariamente; mais tarde, voluntariamente. Em breve farão uma propaganda cujo alcance não podeis antever. Não vos inquieteis com o que quer que seja: os Espíritos velam e sabem o que é necessário.”

Como se vê, a primeira parte da predição realiza-se o melhor possível. De mais a mais, todas as fases por que passou o Espiritismo nos têm sido anunciadas e todas as que ele deve ainda percorrer até a sua implantação definitiva no-lo são igualmente, e todos os dias se verifica o acontecimento.

É em vão que procuram desaconselhar Espiritismo, apresentando-o sob cores horrorosas. Como se vê, o efeito é completamente diverso do que esperam. Para dez pessoas desviadas, há cem que aderem. Isto prova que ele tem, por si mesmo, uma irresistível atração, sem falar da do fruto proibido. Isto nos traz à memória a seguinte anedota:

Certo dia um proprietário mandou trazer à sua casa um barril de excelente vinho; mas, como temia a infidelidade dos criados, afixou uma etiqueta em letras grandes: *Vinagre horroroso*. Ora, como o barril deixasse escapar algumas gotas, um dos

empregados teve a curiosidade de o provar com a ponta do dedo e achou que o vinagre era bom. Pouco a pouco a novidade se espalhou; e, porque cada um viesse experimentar, ao cabo de algum tempo o barril estava vazio. Como o proprietário dava à sua gente vinho de má qualidade para beber, eles diziam entre si: “Isto não vale o vinagre horrroso.”

Por mais que digam que o Espiritismo é vinagre, não farão que aqueles que o experimentem não o achem suave. Ora, os que o provarem dirão aos outros, e todos quererão prová-lo.

Quadro Mediúnico na Exposição de Constantinopla

O presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris, escreve-nos o seguinte, em data de 22 de maio último:

“Caro senhor Allan Kardec e irmão espírita,

“Há muito tempo que me proponho vos dar minhas notícias, mas não creiais que, por isto, haja inércia na propaganda espírita; ao contrário, há mais atividade do que nunca. Crede que em toda parte, neste país inteiramente fanatizado e arregimentado nas seitas, o Espiritismo encontra obstáculos que talvez não existam em parte alguma, mas cujas raízes são tão vivas e tão produtivas que, a despeito de tudo, penetram pouco a pouco e acabarão por dar origem a brotos vigorosos, que nenhum poder humano poderá abater. Constantinopla já conta numerosos adeptos do Espiritismo e, posso afirmar, nas classes mais elevadas da sociedade. Apenas notei que cada um se recolhe em si, com medo de se comprometer.

“Permiti-me citar um fato que aqui se passa, e que denota até que ponto o Espiritismo se insinua: é que vários livreiros que adquiriram livros espíritas, notadamente *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, venderam-nos imediatamente; e a quem? nós o ignoramos, nós espíritas conhecidos e confessos aos olhos de todos. Temos certeza do fato, para o qual chamo a vossa atenção, porque, quando alguém dentre nós quer comprar vossas obras, o livreiro responde: “Eu as recebi e as vendi imediatamente.” Nós nos perguntamos quem monopoliza essas obras, tão logo são desencaixotadas, e isto a tal ponto que os nossos, quando as querem adquirir, já não as encontram?

“Eis agora uma outra notícia que, por certo, não vos interessará menos:

“Nosso amigo e irmão espírita Paul Lambardo, médium desenhista, do qual vos mandei algumas flores, executou uma aquarela representando um belo buquê de flores, entre as quais os amadores fazem referência principalmente a uma dália-papoula aveludada de um efeito magnífico; todas as demais flores, rosas, cravos, tulipas, lírios, camélias, margaridas, dormideiras, centáureas, amores-perfeitos, etc., são de uma finura e de um natural perfeitos. Incentivei-o a apresentar o quadro à Exposição Nacional Otomana, presentemente aberta, e o quadro foi admitido com esta inscrição:

DESENHO MEDIÚNICO

Executado por Paul Lambardo, de Constantinopla, a quem as artes do desenho e da pintura são completamente desconhecidos

“No momento o quadro figura de maneira notável no palácio da Exposição, à direita do lugar reservado aos quadros e gravuras. Seu preço foi fixado em 20 libras turcas ou 460 francos. Notai que se trata de um fato que pode ser constatado autenticamente por milhares de pessoas.

“Recebo cartas de vários pontos da Europa, da Ásia e da África, mas sou sóbrio de respostas, a não ser para encorajar o estudo sério e aprofundado de nossa grande e bela ciência; depois, sempre faço referência às vossas excelentes obras *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*.

“Temos sempre reuniões para as experiências físicas e para os estudos psicológicos. Conquanto as primeiras quase sempre nos fatiguem, não as podemos abandonar completamente, em virtude de servirem para convencer certos incrédulos, que querem ver e tocar.

“Rogo apresentardes à Sociedade Espírita de Paris os respeitosos e fraternos cumprimentos de nossos irmãos espíritas de Constantinopla e, em particular, deste que também se diz vosso mui devotado irmão espírita.”

Repos Júnior,
Advogado

O fato significativo da exposição do quadro do Sr. Lambardo em Constantinopla, embora apresentado ostensivamente como produto mediúnico, é a contrapartida das fábulas espíritas premiadas nos Jogos Florais de Toulouse. Disseram alhures que se a Academia de Toulouse tivesse conhecido a origem dessas fábulas, tê-las-ia recusado. É fazer-lhe a mais grosseira injúria; é, além disso, esquecer que os materiais enviados a essas espécies de concurso não devem levar nenhuma assinatura, nem qualquer sinal que possa revelar o autor, sob pena de exclusão. Assim, o Sr. Jaubert também não podia apor a sua nem a de um Espírito, nem mesmo dizer que procediam de um Espírito, porque teria violado a lei do concurso, que reclama o mais absoluto segredo. É a resposta aos que acusam o Sr. Jaubert de ter feito uso da trapaça, silenciando sobre a procedência dessas fábulas. Seja como for, nos dois extremos da Europa uma sanção oficial é dada a produções de além-túmulo.

Bastariam semelhantes fatos para demonstrar a força irresistível do Espiritismo, se, além disso, ela não tivesse evidenciado a todos o que se passa aos nossos olhos, de alguns anos para cá, e pela inutilidade dos esforços que fazem para o combater. E por que são inúteis tais esforços? Porque, como temos dito, ele tem um caráter que o distingue de todas as doutrinas filosóficas: o de não ter um foco único, nem depender da vida de nenhum homem. Seu foco está em toda parte, na Terra e no espaço; e se lhe criam obstáculos num canto, ele surge noutra. Porque, como diz a Sociedade Espírita de Palermo, ele se afirma por fatos que cada um pode experimentar, e por uma teoria que tem suas raízes no senso íntimo de cada um. Para o abafar, não bastaria comprimir um ponto do globo, um vilarejo, uma cidade, nem mesmo um país, mas o globo inteiro. Ainda assim, seria apenas uma parada momentânea, porque a geração que surge traz em si a intuição das idéias novas que, mais cedo ou mais tarde, fará prevalecer. Vede o que se passa num país vizinho, onde põem sobre essas idéias uma redoma de chumbo e de onde, no entanto, elas escapam por todas as frestas.

Um novo Jornal Espírita na Sicília

É com satisfação que assinalamos o aparecimento de um novo órgão do Espiritismo em Palermo, na Sicília, publicado em língua italiana sob o título de *O Espiritismo, jornal de psicologia experimental*. A multiplicação de jornais especializados nesta matéria é um sinal inequívoco do terreno que ganham as idéias novas, a despeito, ou, melhor, em razão dos próprios ataques de que são objeto. Essas idéias, que em poucos anos se implantaram em todas as partes do mundo, contam na Itália numerosos e sérios representantes. É que, nessa pátria da inteligência, como em toda parte, quem quer que lhe sonde o alcance compreende que elas encerram todos os elementos do progresso, que são a bandeira sob a qual se abrigarão um dia todos os povos, e que só elas resolvem

os temíveis problemas do futuro, de maneira a satisfazer a razão. Nosso concurso simpático se estende naturalmente a todas as publicações dessa natureza, próprias a secundar nossos esforços na grande e laboriosa tarefa que empreendemos.

A carta seguinte, que acompanhou a remessa desse jornal, anuncia, ao mesmo tempo, a constituição de uma Sociedade Espírita em Palermo, sob o título de *Società Spiritista di Palermo*.

“Senhor,

“Uma nova sociedade espírita acaba de ser constituída aqui em Palermo, sob a presidência do Sr. Joseph Vassallo Paleólogo. Já tem o seu órgão publicitário: *O Espiritismo*, ou *Jornal de psicologia experimental*, cujas duas primeiras edições acabam de surgir. Dignai-vos aceitar um exemplar que me permito vos oferecer, como àquele que tão bem mereceu da Humanidade pelo progresso das idéias morais sob o impulso providencial do Espiritismo.

“Aceitai, etc.

Assinado: Paolo Morello,

Professor de História e Filosofia da Universidade de Palermo

Cada número do jornal começa pela citação de alguns aforismos, em forma de epígrafe, tirados de *O Livro dos Espíritos* ou de *O Livro dos Médiuns*, por exemplo:

“Se o Espiritismo for um erro, cairá por si mesmo; se for uma verdade, nem mesmo todas as diatribes do mundo serão capazes de transformá-lo numa mentira.”

“É um erro acreditar que basta a certas categorias de incrédulos ver fenômenos extraordinários para se convencerem. Os que não admitem a alma ou o Espírito no homem não o podem

admitir fora do homem. Daí por que, negando a causa, negam o efeito.”

“As reuniões frívolas têm grave inconveniente para os neófitos que as assistem, por lhes darem uma falsa idéia do Espiritismo.”

Acrescentamos: e que, sem ser frívolas, não são realizadas com a ordem e a dignidade convenientes.

O primeiro número contém uma exposição de princípios, em forma de manifesto, do qual extraímos as seguintes passagens:

“Toda ciência repousa em dois pontos: os fatos e a teoria. Ora, conforme o que temos lido e visto, estamos em condições de afirmar que o Espiritismo possui os materiais e as qualidades de uma ciência; porque, de um lado, ele se afirma por fatos que lhe são peculiares e que resultam da observação e da experiência, absolutamente como qualquer outra Ciência experimental; e, por outro lado, ele se afirma por sua teoria, deduzida logicamente da observação dos fatos.

“Considerado do ponto de vista dos fatos ou da teoria, o Espiritismo não é concepção do cérebro humano, mas decorre da natureza mesma das coisas. Dada a criação das inteligências, assim como a existência espiritual, aquilo que recebeu o nome de Espiritismo apresenta-se como uma necessidade, da qual, nas condições atuais da Ciência e da Humanidade, pode-se ser testemunha antes que juiz; necessidade da qual resulta um fato complexo, que reclama ser estudado seriamente, antes de poder ser julgado. Cada um é livre de não o estudar, se tal estudo não lhe agrada, embora isto não confira a ninguém o direito de zombar dos que o estudam.

“A sociedade fundadora deste jornal nem pretende emitir uma crença, nem uma doutrina sua; como na sua convicção nada pertence menos à invenção humana que o Espiritismo, ela se propõe expor a Doutrina Espírita, e de modo algum impô-la. Aliás, ela se reserva inteira liberdade de exame e a mais completa independência de consciência na apreciação dos fatos, sem se deixar influenciar pela opinião de alguns indivíduos ou do que quer que seja. O que a torna responsável perante sua própria consciência, diante de Deus e dos homens, é a sinceridade dos fatos.”

Extraída do segundo número, a comunicação seguinte, assinada por Dante, testemunha a natureza dos ensinamentos dados a essa sociedade:

Os Médiuns e os Espíritos

Ninguém poderá tornar-se bom médium se não conseguir despojar-se dos vícios que degradam a Humanidade. Todos esses vícios têm sua origem no *egoísmo*; e como a negação do egoísmo é o amor, toda virtude se resume nesta palavra: *caridade*.

A caridade ensinada por este preceito: *Quod tibi non vis*, etc. Deus não só a gravou de modo indelével no coração do homem, como a sancionou por seu próprio fato, dando-nos o seu Filho por modelo de caridade e de abnegação. Se ela deve ser o guia de cada um, seja qual for a sua condição social, é, sobretudo, a condição *sine qua non* de todo bom médium.

Qualquer homem pode tornar-se médium. Mas a questão não é ser médium; trata-se de ser bom médium, o que depende das qualidades morais. É verdade que os Espíritos se comunicam com os homens em todas as condições, mas com a missão de os aperfeiçoar, se suas qualidades forem boas. Eles operam esse aperfeiçoamento submetendo-os às mais duras provas para os purificar, provas que o homem de bem suporta sem

desmentir o sentimento moral de sua consciência e sem se deixar desviar do bom caminho pela tentação. Àqueles cujas qualidades são más, os Espíritos se comunicam para os guiar pela mão e os levar a uma conduta mais conforme à razão e mais em harmonia com o objetivo para o qual deve tender todo homem persuadido de que sua existência neste mundo não passa de uma expiação. Quando há uma mistura do bem e do mal, os Espíritos provocam a melhora por processos intermediários.

Muitos serão abandonados por seus Espíritos, por não quererem compreender que a caridade é o único meio de progredir. E então, infeliz daquele que não tiver querido ouvir a voz da verdade! Deus perdoa ao ignorante, mas não ao que faz o mal conscientemente. O objetivo de nossa missão é o vosso melhoramento moral e o vosso dever é igualmente de vos melhorardes. Mas não esperéis melhora de qualquer sorte sem a caridade.

O Poder da Vontade sobre as Paixões

(Extrato dos trabalhos da Sociedade Espírita de Paris)

Um rapaz de vinte e três anos, o Sr. A..., de Paris, que se iniciou no Espiritismo há apenas dois meses, captou o seu alcance com tal rapidez que, sem nada ter visto, o aceitou em todas as suas conseqüências morais. Dirão que isto não é de admirar da parte de um jovem, e não prova senão uma coisa: a leviandade e um entusiasmo irrefletido. Seja. Mas prossigamos. Esse moço irrefletido, como ele próprio reconhece, tinha um grande número de defeitos, dos quais o mais saliente era uma irresistível predisposição para a cólera, desde a infância. Pela menor contrariedade, pelas causas mais fúteis, quando entrava em casa e não encontrava imediatamente o que queria; se uma coisa não estivesse no seu lugar habitual; se o que tivesse pedido não estivesse pronto em um minuto, enfurecia-se e tudo quebrava. Era a tal

ponto que um dia, num paroxismo de cólera, explodindo contra a mãe, disse-lhe: “Vai-te embora, ou eu te mato!” Depois, esgotado pela superexcitação, caía sem consciência. Acrescente-se que nem os conselhos dos pais, nem as exortações da religião tinham podido vencer esse caráter indomável, compensado, aliás, por uma grande inteligência, uma instrução cuidadosa e os mais nobres sentimentos.

Dir-se-á que é o efeito de um temperamento bilioso-sanguíneo-nervoso; resultado do organismo e, por conseguinte, arrastamento irresistível. Resulta desse sistema que se, em seus desvarios, tivesse cometido um assassinato, seria perfeitamente desculpável, porque teria resultado de um excesso de bile. Resulta ainda que, a menos que modificasse o temperamento, que mudasse o estado normal do fígado e dos nervos, esse rapaz estaria predestinado a todas as funestas conseqüências da cólera.

– Conheceis um remédio para tal estado patológico? – Não, nenhum, a não ser que, com o tempo, a idade possa atenuar a abundância de secreções mórbidas. – Pois bem! o que não pode a Ciência, o Espiritismo o faz, não pela ação do tempo e em conseqüência de um esforço contínuo, mas instantaneamente. Bastaram alguns dias para fazer desse jovem um ser meigo e paciente. A certeza adquirida da vida futura, o conhecimento do objetivo da vida terrestre, o sentimento da dignidade do homem, revelada pelo livre-arbítrio, que o coloca acima do animal, a responsabilidade daí decorrente, o pensamento de que a maior parte dos males terrenos são a conseqüência de nossos atos, todas essas idéias, hauridas num estudo sério do Espiritismo, produziram em seu cérebro uma súbita revolução; pareceu-lhe que um véu foi retirado de seus olhos; a vida se lhe apresentou sob outra face. Então, certo de que tinha em si um ser inteligente, independente da matéria, disse de si para si: “Este ser deve ter uma vontade, ao passo que a matéria não a tem; portanto, ele pode dominar a matéria.” Daí este outro raciocínio: “O resultado de minha cólera foi tornar-me doente e infeliz, e ela não me dá o que me falta; logo

é inútil, já que não estou mais adiantado. Ela me produz mal e nenhum bem me dá em compensação; mais ainda: poderia impelir-me a atos repreensíveis, criminosos talvez.” – Ele quis vencer, e venceu. Desde então, mil ocasiões se apresentaram que, antes, o teriam enfurecido e ante as quais ele ficou impassível e indiferente, para grande estupefação de sua mãe. Sentia o sangue ferver e subir à cabeça, mas, por sua vontade, o fazia refluir, forçando-o a descer.

Um milagre não teria feito melhor. Mas o Espiritismo fez muitos outros, que nossa revista não bastaria para registrar, se quiséssemos relatar todos os que são do nosso conhecimento pessoal, atinentes a reformas morais dos mais inveterados hábitos. Citamos este como um exemplo notável do poder da vontade e, também, porque levanta um importante problema, que só o Espiritismo pode resolver.

O Sr. A... nos perguntava a respeito se seu Espírito era responsável por sua violência, ou se apenas sofria a influência da matéria. Eis a nossa resposta:

Vosso Espírito é de tal modo responsável que, quando o quisestes seriamente, controlastes o movimento sanguíneo. Assim, se o tivésseis querido antes, os acessos teriam cessado mais cedo e não teríeis ameaçado vossa mãe. Além disso, quem é que se encoleriza? O corpo ou o Espírito? Se os acessos viessem sem motivo, poder-se-ia crer que eram provocados pelo afluxo sanguíneo; mas, fútil ou não, tinham por causa uma contrariedade. Ora, evidentemente não era o corpo que estava contrariado, mas o Espírito, muito susceptível. Contrariado, o Espírito reagia sobre um sistema orgânico irritável, que não teria sido provocado se tivesse ficado em repouso. Façamos uma comparação. Tendes um cavalo feroso; se souberdes governá-lo, ele se submete; se o maltratardes, ele se enfurece e vos derruba. De quem a falta: vossa ou do cavalo?

Para mim, é evidente que vosso Espírito é naturalmente irascível; mas como cada um traz consigo o seu pecado original, isto

é, um resto das antigas inclinações, não é menos evidente que, em vossa precedente existência, tivésseis sido um homem de extrema violência, e que provavelmente tereis pago muito caro, talvez com a própria vida. Na erraticidade, vossas outras boas qualidades vos ajudaram a compreender vossos erros; tomastes a resolução de vos vencer e, para isto, lutar em uma nova existência. Mas se tivésseis escolhido um corpo débil e linfático, vosso Espírito, não encontrando nenhuma dificuldade, nada teria ganhado, o que para vós significaria ter de recomeçar. Eis por que escolhestes um corpo bilioso, a fim de ter o mérito da luta. Agora a vitória está alcançada. Vencestes o inimigo do vosso repouso e nada pode entrar o livre exercício de vossas boas qualidades. Quanto à facilidade com a qual aceitastes e compreendestes o Espiritismo, ela se explica pela mesma causa: éreis espírita há muito tempo; esta crença era inata em vós e o materialismo foi apenas o resultado da falsa direção dada às vossas idéias. Abafada inicialmente, a idéia espírita permaneceu em estado latente e bastou uma centelha para a despertar. Bendizei, pois, a Providência que permitiu que esta centelha chegasse em boa hora para deter uma inclinação que talvez vos tivesse causado amargos desgostos, ao passo que vos resta uma longa carreira a percorrer na estrada do bem.

Todas as filosofias se chocaram contra esses mistérios da vida humana, que pareciam insondáveis até que o Espiritismo lhes trouxe o seu facho. Em presença de tais fatos, ainda se pode perguntar para que serve ele? Estamos no direito de bem augurar o futuro moral da Humanidade quando ele for compreendido e praticado por todo o mundo.

Primeira Carta ao Padre Marouzeau

Senhor vigário,

Admirai-vos de que depois de dois anos eu não tenha respondido à vossa brochura contra o Espiritismo. Laborais em

erro, pois desde a sua aparição tenho tratado, em vários artigos de minha Revista, da maioria das questões que levantai. Bem sei que teríeis desejado uma resposta pessoal, uma contrabrochura; que eu tivesse tomado um a um os vossos argumentos, para vos dar o prazer da réplica. Ora, eu cometi o erro irreparável de nem mesmo vos citar; mas vossa modéstia, tenho certeza, não o considera um crime. Reparo hoje esta omissão, mas não penseis que seja para entabular convosco uma polêmica. Não; limito-me apenas a algumas reflexões simples e a vos explicar os meus motivos.

Antes de mais, dir-vos-ei que se não respondi diretamente à vossa brochura, foi porque me havíeis anunciado que ela deveria enterrar-nos vivos. Quis eu, então, aguardar o acontecimento e constato com prazer que não estamos mortos; que até o Espiritismo está um pouco mais vivaz que antes; que o número das sociedades se multiplica em todos os países; que por toda parte onde pregaram contra ele cresceu o número de adeptos; que tal crescimento está na razão da violência dos ataques. Não são hipóteses, mas fatos autênticos que, na minha posição e pela amplitude de minhas relações, ninguém melhor do que eu para o verificar. Além disso, constato que os indigentes aos quais os padres zelosos tinham proibido de receber vales de pão dados pelos espíritas caridosos, porque era o pão do diabo, não morreram por os haver comido; que os padeiros aos quais tinham dito para não os receber, porque o diabo lhes roubaria, não perderam um só; que os industriais aos quais, sempre por zelo evangélico, quiseram cortar os víveres, roubando-lhes as suas práticas, acharam uma compensação nos novos clientes, que lhes valeram o aumento do número de adeptos. Não tenho dúvida de que desaprovais esta maneira de atacar o Espiritismo, mas os fatos estão aí. Havereis de convir que tais meios não são muito adequados para trazer à religião os que dela se afastam; o medo pode deter momentaneamente, mas é um laço frágil, que se desfaz na primeira oportunidade. Os únicos laços sólidos são os do coração, cimentados pela convicção; ora, a convicção não se impõe pela força.

Sabeis, senhor vigário, que a vossa brochura foi seguida de grande número de outras. A vossa tem, sobre muitas, um mérito: o da perfeita urbanidade. Quereis matar-nos polidamente e vos sou grato por isso. Mas em toda parte os argumentos são os mesmos, enunciados mais ou menos polidamente e num francês mais ou menos correto. Para as refutar todas, artigo por artigo, teria sido preciso que me repetisse sem cessar e, francamente, tenho coisas mais importantes a fazer. Ademais, isto não teria utilidade e ireis compreendê-lo.

Sou um homem positivo, sem entusiasmo, que tudo julga friamente. Raciocino de acordo com os fatos e digo: Já que os espíritas são mais numerosos que nunca, apesar da brochura do Sr. Marouzeau e de todas as outras, e malgrado todos os sermões e pastorais, é que os argumentos invocados não convenceram as massas, provocando efeito contrário. Ora, julgar do valor da causa por seus efeitos, creio que é lógica elementar. Desde então, para que os refutar? Já que nos servem, em vez de nos prejudicar, devemos abster-nos de lhes opor obstáculo. Vejo as coisas de um ponto de vista diverso do vosso, senhor vigário. Como um general que observa o movimento da batalha, julgo a força dos golpes, não o ruído que fazem, mas o efeito que produzem; é o conjunto que vejo. Ora, o conjunto é satisfatório; eis tudo o que é preciso. Assim, as respostas individuais não teriam utilidade. Quando trato de uma maneira geral das questões levantadas por algum adversário, não é para o convencer, coisa com que não me preocupo absolutamente, e ainda menos para o fazer renunciar à sua crença, que respeito quando sincera: é unicamente para a instrução dos espíritas e porque encontro um ponto a desenvolver ou a esclarecer. Refuto os princípios e não os indivíduos; os primeiros ficam e os indivíduos desaparecem, razão por que pouco me inquieto com personalidades que amanhã talvez não mais existam e das quais não mais se fale, seja qual for a importância que procurem dar-se. Vejo muito mais o futuro que o presente, o conjunto e as coisas importantes mais que os fatos isolados e secundários. Aos nossos olhos, reconduzir ao bem é a verdadeira conversão. Um homem

arrancado às suas más inclinações e reconduzido a Deus e à caridade *para com todos* pelo Espiritismo é, para nós, a mais útil vitória; é a que nos causa a maior alegria e agradecemos a Deus por no-la dar tantas vezes. Para nós a mais honrosa vitória não consiste em afastar um indivíduo de tal ou qual culto, desta ou daquela crença, pela violência ou pelo medo, mas de o subtrair do mal pela persuasão. Valorizamos, sobretudo, as convicções sinceras e não as obtidas pela força ou que são apenas aparentes.

É assim, por exemplo, que em vossa brochura perguntais quais os milagres que o Espiritismo pode invocar em seu favor. Respondi pela Revista no número de fevereiro de 1862, por meio do artigo intitulado: *O Espiritismo é provado pelos milagres?*, respondendo, ao mesmo tempo, a todos os que fizeram a mesma pergunta. Pedis milagres ao Espiritismo? Mas haverá um maior que sua incrível propagação, a despeito de todos os obstáculos, apesar dos ataques de que é objeto e, sobretudo, dos golpes tão terríveis que lhe desferistes? Não está aí um fato da vontade de Deus? “Não”, direis vós, “é a vontade do diabo.” Então haveréis de convir que a vontade do diabo é maior que a de Deus, e que é mais forte que a Igreja, visto que esta não o pode deter. Mas não é o único milagre que faz o Espiritismo; ele os faz todos os dias, trazendo os incrédulos a Deus, convertendo a Deus os que se entregam ao mal, dando-lhes a força de vencer as paixões más. Vós lhe pedis milagres! Mas o fato relatado acima, do jovem A... não é um? Por que a religião não fez, deixando que o Espiritismo o fizesse, isto é, o diabo? – Não está aí o que se chama um milagre. – Mas a Igreja não qualifica certas conversões de miraculosas? – Sim, mas são conversões de heréticos à fé católica. – De sorte que, para vós, a conversão do mal ao bem não é um milagre; preferiríeis um sinal material: a liquefação do sangue de um santo qualquer, a cabeça de uma estátua que se move numa igreja, uma aparição no céu, como a cruz de Migné. O Espiritismo não faz essas espécies de milagres; os únicos aos quais liga um valor infinito e dos quais faz a sua glória, são as transformações morais que opera.

Senhor vigário, o tempo urge e o espaço me falta; de outra vez direi ainda algumas palavras que vos poderão servir para a nova obra que preparais e que deve aniquilar para sempre o Espiritismo e os espíritas. Desejo-lhe melhor sorte que à primeira. Algumas passagens deste número talvez vos possam esclarecer quanto às dificuldades que tereis de superar para vencer.

Recebei, etc.

Allan Kardec

Expição Terrestre

MAX, O MENDIGO

Num vilarejo da Baviera, lá pelo ano de 1850, morreu um velho quase centenário, conhecido pelo nome de Pai Max. Ninguém conhecia ao certo sua origem, pois não tinha família. Desde quase meio século, acabrunhado por enfermidades que o impossibilitavam de ganhar a vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade pública, que dissimulava indo vender nas fazendas e nos castelos, almanaques e objetos miúdos. Tinham-lhe dado a alcunha de Conde Max e as crianças só o chamavam Senhor Conde, com o que sorria sem se melindrar. Por que esse título? Ninguém saberia dizer; já era hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com seus andrajos. Vários anos depois de sua morte, apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos, onde era hospedado na cavalaria, pois não tinha domicílio. Ele lhe disse: “Obrigado por vos terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, pois foram ouvidas pelo Senhor. Desejais saber quem sou eu, alma caridosa que vos interessais pelo infeliz mendigo. Vou satisfazer-vos; será para todos uma grande instrução.”

Relatou-lhe, então, o seguinte, mais ou menos nestes termos:

“Há um século e meio, aproximadamente, eu era um rico e poderoso senhor desta região, mas frívolo, orgulhoso e envaidecido de minha nobreza. Minha imensa fortuna só servia aos meus prazeres, e era apenas suficiente, porque eu era jogador, debochado, e passava a vida em orgias. Meus vassalos, que julgava criados para meu uso como animais de fazenda, eram oprimidos e maltratados para subvencionar as minhas prodigalidades. Eu ficava surdo às suas lamentações, como às de todos os infelizes e, em minha opinião, deviam sentir-se muito honrados de servir aos meus caprichos. Morri em idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhuma infelicidade verdadeira. Ao contrário, tudo parecia sorrir-me, de sorte que, aos olhos de todos, eu era um dos felizardos do mundo. Minha posição me valeu funerais suntuosos; os estróinas lamentaram em mim o faustoso senhor, mas nem uma lágrima caiu em minha tumba, nem uma prece do coração foi dirigida a Deus por mim e minha memória foi maldita por todos aqueles cuja miséria eu tinha agravado. Ah! como é terrível a maldição daqueles que tornamos infelizes! Ela não cessou de retinir em meus ouvidos durante longos anos, que me pareciam uma eternidade! E, à morte de cada uma de minhas vítimas, era uma nova figura ameaçadora ou irônica que surgia diante de mim, a me perseguir sem trégua e sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me subtrair à sua vista. Nem um olhar amigo! Meus antigos companheiros de deboche, infelizes como eu, me fugiam e pareciam dizer com desdém: “Não podes mais pagar os nossos prazeres.” Oh! como eu teria pago caro um instante de repouso, um copo de água para estancar a sede causticante que me devorava! Mas eu não possuía mais nada e todo o ouro que havia semeado a mancheias na Terra não havia produzido uma única bênção! nem uma só, entendeis, minha filha?”

“Enfim, acabrunhado pela fadiga, esgotado como um viajor extenuado que não vê o termo de sua rota, exclamei: “Meu Deus, tende piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?” Então uma voz, a primeira que ouvia desde que deixei a

Terra, me disse: “Quando quiseres. – Que devo fazer, grande Deus? respondi; dizei, eu me submeto a tudo. – É preciso que te arrependas; que te humilhes ante aqueles que humilhaste; pedir-lhes que intercedam por ti, porque a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor.” Humilhei-me, pedi aos meus vassallos, aos meus servos, que estavam à minha frente, e cujas fisionomias, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Foi então para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e agradei a Deus com todas as forças de minha alma. Em seguida a voz me disse: “Príncipe!” e eu respondi: “Não há aqui outro príncipe, senão o Deus Todo-Poderoso, que humilha os soberbos. Perdoai-me, Senhor, porque pequei; fazei de mim o servo de meus servos, se tal for a vossa vontade.”

“Alguns anos mais tarde nasci de novo, mas desta vez numa família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, e fiquei só no mundo sem apoio. Ganhei a vida como pude, ora como trabalhador braçal, ora como servente de fazenda, mas sempre honestamente, porque desta vez acreditava em Deus. Com a idade de quarenta anos, uma moléstia me paralisou todos os membros e vi-me forçado a mendigar durante mais de cinquenta anos nestas mesmas terras, das quais tinha sido dono absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que tinham sido minhas e onde, por amarga ironia, me tinham apelidado de Senhor Conde; feliz muitas vezes por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora meu. Em meu sonho eu me deleitava em percorrer este mesmo castelo, onde reinara como déspota. Quantas vezes, em meus sonhos, me revi em meio a minha antiga fortuna! Tais visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de pesar; mas jamais um lamento escapou de minha boca. E, quando aprouve a Deus me chamar, eu o louvei por ter-me dado coragem de sofrer sem murmurar essa longa e penosa prova, cuja recompensa hoje recebo. E vós, minha filha, eu vos abençoo por terdes orado por mim.”

Observação – Recomendamos o caso aos que pretendem que os homens não teriam mais freio se não tivessem diante de si o espantallo das penas eternas. E perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do Pai Max é menos eficaz para deter na via do mal que as torturas sem-fim, nas quais ninguém mais acredita.

Dissertações Espíritas

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FECHADOS OS OLHOS²⁸

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 – Médium: Sr. Vézy)

Nota – Esta comunicação foi dada a propósito de uma senhora cega, que assistia à sessão.

Meus bons amigos, não venho muito entre vós, mas hoje eis-me aqui. Por isso agradeço a Deus e aos Espíritos bons que vêm ajudar-vos a marchar pelo novo caminho. Por que me chamastes? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah! que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira. Todas as curas que tenho podido obter e que vos foram assinaladas não as atribuais senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas vossas aflições, volvi sempre para o céu o olhar e dizei do fundo do coração: “Meu Pai, cura-me, mas faze que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criaste.” Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, dadas vos serão a força e a coragem e, quiçá, também a cura que apenas timidamente pedistes, em recompensa da vossa abnegação.

Contudo, uma vez que aqui me acho, numa assembléia onde principalmente se trata de estudos, dir-vos-ei que os que são

28 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo VIII, item 20.

privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrai-vos de que o Cristo disse convir que arrancásseis o vosso olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da vossa condenação. Ah! quantos há no mundo que um dia, nas trevas, maldirão o terem visto a luz! Oh! sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Os olhos não lhes serão causa de escândalo e de queda; podem viver inteiramente a vida das almas; podem ver mais do que vós que tendes límpida a visão!... Quando Deus me permite descerrar as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: Alma querida, por que não conheces todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Não pedirias, então, que se te concedesse ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado entrever na tua cegueira!

Oh! bem-aventurado o cego que quer viver com Deus. Mais ditoso do que vós que aqui estais, ele toca, ele vê as almas e pode alçar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra logram divisar. Abertos, os olhos estão sempre prontos a causar a falência da alma; fechados, estão prontos sempre, ao contrário, a fazê-la subir para Deus. Crede-me, bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com freqüência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora. Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos vão abrir-se, quão jubilosa te sentirias! Mas, quem sabe se esse júbilo não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a ventura e permite a tristeza. Farei tudo o que me for consentido a teu favor; mas, a teu turno, ora e, ainda mais, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Meus bons amigos: antes que me afaste, vós que aqui estais, recebei minha bênção; eu a dou a todos, aos loucos, aos sábios, aos crentes e aos infiéis desta assembléia. Que ela sirva a cada um de vós!

Vianney, cura d'Ars

Nota – Perguntamos se esta é a linguagem do demônio e se ofendemos o cura d'Ars atribuindo-lhe tais pensamentos. Uma camponesa sem instrução, sonâmbula natural, que vê muito bem os Espíritos, tinha vindo à sessão em estado sonambúlico. Não conhecia o cura d'Ars nem mesmo de nome e, entretanto, o viu ao lado do médium e lhe fez o retrato com perfeita exatidão.

O ARREPENDIMENTO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

O arrependimento sobe a Deus; agrada-lhe mais que o fumo dos sacrifícios e lhe é mais precioso que o incenso espalhado nos recintos sagrados. Semelhante às tempestades que varam o ar, purificando-o, o arrependimento é um sofrimento fecundo, uma força reativa e atuante. Jesus santificou sua virtude, e as lágrimas de Madalena se derramaram como orvalho nos corações endurecidos que ignoravam a graça do perdão. A soberana virtude proclamou o poder do arrependimento e os séculos repercutiram, enfraquecendo-o, a palavra do Cristo.

É chegada a hora em que o Espiritismo deve revigorar e vivificar a essência mesma do Cristianismo. Apagai, assim, por toda parte e para sempre, a cruel sentença que despoja a alma culpada de toda esperança. O arrependimento é uma virtude militante, uma virtude viril, que só os Espíritos adiantados ou os corações ternos podem sentir. O pesar momentâneo e causticante de uma falta não arrasta consigo a expiação que dá o conhecimento da justiça de Deus, justiça rigorosa em suas conclusões, que aplica a lei de talião à vida moral e física do homem e o castiga pela lógica dos fatos, todos decorrentes do bom ou do mau uso do livre-arbítrio.

Amai os que sofrem e assisti o arrependimento, que é a expressão e o sinal que Deus imprimiu na sua criatura inteligente, para a elevar e aproximar de si.

João, discípulo

OS FATOS REALIZADOS

(Sociedade Espírita de Paris, 26 de dezembro de 1862
– Médiun: Sr. d'Ambel)

Nota – Esta comunicação foi dada a propósito de um relatório feito à Sociedade sobre as novas sociedades espíritas que se formam em toda parte, na França e no estrangeiro.

Hoje o progresso se manifesta de maneira brilhante na crença e nas doutrinas regeneradoras que trazemos ao vosso mundo, para que, doravante, seja necessário constatá-lo. Cego é quem não vê a marcha triunfante de nossas idéias! Quando homens eminentes, oriundos das mais liberais funções, gente de ciência, de estudo, médicos, filósofos, jurisconsultos se lançam resolutamente à busca da verdade nas novas vias abertas pelo Espiritismo; quando a classe militante aí vem buscar consolações e novas forças, quem pois, entre os humanos, se julgaria bastante forte para opor uma barreira ao desenvolvimento desta nova ciência filosófica? Ultimamente dizia Lamennais, nesse estilo conciso e eloqüente a que vos habituastes, que o futuro estava no Espiritismo. Hoje tenho o direito de exclamar: Não está aí um fato realizado?

Com efeito, a estrada torna-se larga; o regato de ontem se transforma em rio e, a partir dos vales transpostos, seu curso majestoso sorrirá das frágeis eclusas e das tardias barricadas que alguns ribeirinhos atrasados tentarão estabelecer, a fim de entravar a sua marcha para o grande oceano do infinito. Pobre gente! em breve a corrente vos arrastará e logo vos ouviremos gritar, também vós: “É verdade! a Terra gira!”

Se as ondas de sangue derramado nas Américas não chamassem a atenção de todos os pensadores sérios e de todos os amigos da paz, cujo coração sangra ao relato dessas lutas sangrentas e fratricidas; se as nações mal estabelecidas não buscassem em toda a região encontrar a sua base normal; enfim, se as aspirações de todos não tendessem para o melhoramento material e moral, há tanto tempo perseguido, poder-se-ia negar a utilidade dos cataclismos morais, anunciados por alguns Espíritos iniciadores. Mas todos esses sinais característicos são muito aparentes para que não se reconheça a necessidade, a urgência de um novo farol, que ainda possa salvar o mundo em perigo.

Antigamente, quando o mundo pagão, minado pela mais completa desmoralização, vacilava em sua base, de todos os lados vozes proféticas anunciavam a próxima vinda de um redentor. Desde alguns anos não tendes ouvido, ó espíritas, as mesmas vozes proféticas? Ah! bem o sei: nenhum dentre vós o esqueceu. Pois bem! tende por certo que o tempo é chegado; e, como outrora na Judéia, gritemos juntos: “Glória a Deus no mais alto dos céus!”

Erasto

PERÍODOS DE TRANSIÇÃO NA HUMANIDADE

(Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863

– Médium: Sr. Alfred Didier)

Os séculos de transição na história da Humanidade assemelham-se a vastas planícies semeadas de monumentos, misturados confusamente e sem harmonia. A harmonia mais pura, mais justa está no detalhe, e não no conjunto. Os séculos abandonados pela fé e pela esperança são páginas sombrias em que a Humanidade, trabalhada pela dúvida, se consome surdamente nas civilizações refinadas, para chegar a uma reação que, na maioria das vezes, as arrastava, para as substituir por outras civilizações. Os pesquisadores do pensamento, mais que os sábios, aprofundam em

nossa época, num ecletismo racional, esses misteriosos encadeamentos da história, essas trevas, essa uniformidade, lançadas como nevoeiros e nuvens espessas sobre civilizações até há pouco férteis e vivazes. Estranho destino dos povos! É quase ao nascer do Cristianismo, é nas cidades mais opulentas, sede dos maiores bispados do Oriente e do Ocidente, que começam as devastações da decadência; é no próprio meio da civilização, do esplendor inteligente das artes, das ciências, da literatura e dos sublimes ensinamentos do Cristo, que começa a confusão das idéias, as dissensões religiosas; é no próprio berço da Igreja romana, tomada de orgulho e soberba com o sangue dos mártires, que a heresia, gerada pelos dogmas supersticiosos e pelas hierarquias eclesiásticas, se insinua como serpente iminente, para morder o coração da Humanidade e lhe infiltrar nas veias, em meio a desordens políticas e sociais, o mais terrível e o mais profundo de todos os flagelos: a dúvida. Desta vez a queda é imensa; a fraqueza religiosa dos padres, unida aos heresiarcas fanáticos, tira toda a força à política, todo amor ao país, e a Igreja do Cristo torna-se humana, mas não mais humanitária. Creio ser inútil aqui me apoiar sobre relações apavorantes dessa época com a nossa. Vivendo ao mesmo tempo com as tradições do Cristianismo e com a esperança do futuro, as mesmas comoções sacodem a nossa velha civilização, as mesmas idéias se dividem e a mesma dúvida atormenta a Humanidade, sinais precursores da renovação social e moral que se prepara. Ah! orai, espíritas; vossa época atormentada e blasfema é uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar.

Lamennais

SOBRE AS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

(Grupo Espírita de Sétif, Argélia)

Muitas vezes vos admirais ao ver faculdades mediúnicas, sejam físicas ou morais, que, em vossa opinião,